

## Responsabilização

# Selo sócio-ambiental pode ampliar demanda do etanol brasileiro

André Ricardo Alcarde\*

A indústria alcooleira do Brasil vive um momento de otimismo nunca antes visto, nem mesmo nos tempos áureos do Proálcool. Devido ao interesse pela diminuição da dependência de petróleo e à necessidade de atender às exigências ambientais de diminuição das emissões de gases que geram o efeito estufa, muitos países têm adotado os combustíveis renováveis, dentre os quais se destacam o etanol e o biodiesel. O Brasil foi pioneiro na produção de etanol combustível, a partir de matérias-primas renováveis. Desde a criação do Proálcool em 1975, a produção de etanol no Brasil vem crescendo em uma ascendente acelerada, passando dos 555 milhões de litros, produzidos na safra 1975/1976, para 17,7 bilhões de litros, na safra 2006/2007.



ACERVO PETROBRAS

*Posto oferece álcool, gasolina comum, aditivada e diesel; Pará; janeiro 2008*

A previsão para a safra 2007/2008 é de 20 bilhões de litros. Atualmente, os Estados Unidos produzem cerca de 22 bilhões de litros anuais, utilizando principalmente milho como matéria-prima. É baixa a probabilidade de que consigam produzir mais do que 55 bilhões de litros anuais, devido à competição do milho para a alimentação humana e animal, à escassez de áreas agricultáveis para expansão das culturas e à improbabilidade, em curto prazo, da produção econômica de etanol a partir de matérias-primas celulósicas.

O etanol de milho inclusive vem recebendo críticas até mesmo dentro dos Estados Unidos, devido ao destino energético do milho, em detrimento da finalidade alimentícia desse cereal. O aumento da demanda por milho fez aumentar 61% a sua cotação na Bolsa de Chicago desde setembro de 2006, afetando conseqüentemente criações que dependem do milho para alimentação, tais como de aves e de suínos. Ainda mais, o aumento da produção de milho nos Estados Unidos se dará pelo plantio em áreas ocupadas por outros cereais, isto é, haverá uma substituição de culturas, diminuindo a oferta americana de grãos.

De acordo com o anúncio feito pelo presidente Bush, os Estados Unidos necessitarão de 132 bilhões de litros de etanol em 2017, para suprir a demanda do país de combustíveis renováveis. Na União Européia, a Diretiva dos Biocombustíveis estabeleceu metas não mandatórias, objetivando uma participação de 5,75% de biocombustíveis em 2010. O cumprimento da meta exigirá a produção de 14 bilhões de litros de etanol por ano e, apesar do plano ser atender à demanda com produção local, a partir de beterraba e de cereais, os custos certamente serão mais altos que os do etanol de cana-de-açúcar. O governo japonês já autorizou a mistura de até 3% de etanol na gasolina, de forma não obrigatória. Se houver uma decisão tornando a mistura obrigatória, criar-se-á um mercado de 1,5 bilhão de

litros por ano, que o país certamente terá que importar.

Os custos de produção mais baixos e os recursos naturais abundantes tornam o Brasil candidato natural a suprir boa parte da demanda mundial de etanol, pois, com um incremento de 24 milhões de hectares de cana, produziríamos toda essa quantidade, que representaria somente 6,5% da nossa área agrícola, ou 11% da área disponível em pastagens, que são atualmente as principais terras para expansão da canavieira. No entanto, devido às novas exigências de responsabilidade ambiental e social, a indústria alcooleira deve rever alguns de seus princípios cultivados a longa data, inclusive os responsáveis pelo desgaste e desaceleração que o Proálcool vivenciou em sua história.

Para ganhar o mercado exterior, as indústrias terão que se livrar da má imagem com que são conhecidas lá fora, resultado das péssimas condições de trabalho dos cortadores de cana e dos riscos ambientais potenciais da produção de etanol. Quanto aos trabalhadores, as duras condições de trabalho e a baixa remuneração são questões a serem resolvidas. Na área ambiental, a queima da cana deve ser eliminada e o destino dos subprodutos, principalmente da vinhaça, cujo volume é significativo, deve ser adequadamente redirecionado. A introdução da colheita mecanizada de cana crua poderá resolver boa parte desses problemas. No entanto, áreas com declividade acentuada não são passíveis de ser colhidas mecanicamente.

A preocupação dos países ricos quanto à sustentabilidade ambiental e social da produção de etanol pode se converter em uma barreira às exportações do combustível pelo Brasil, ainda mais deletéria que as barreiras tarifárias ou fitossanitárias. Nos Estados Unidos se produz etanol de milho e, na Europa, de trigo ou beterraba, ao dobro do custo do etanol produzido no Brasil. Importar álcool do Brasil poderia inviabilizar a produção nesses países. Portanto, cada vez mais se impõe a demanda

internacional pela "origem limpa" dos produtos, resultado das pressões sociais e ambientais sobre as sociedades, como uma forma, na verdade, de se tentar proteger interesses e, indiretamente, subsidiar produtos internos. Os Estados Unidos inclusive aplicam uma tarifa direta fixa de US\$ 0,14 por litro de etanol importado do Brasil.

Portanto, carece de especial e urgente atenção um zoneamento para identificar e delimitar as regiões adequadas ao plantio de cana e outras culturas para a produção de biocombustíveis, impedindo o uso de áreas protegidas, tais como o Pantanal e a Amazônia, controlando-se a eventual expansão de plantações para áreas tradicionalmente usadas para a produção de alimentos. Só assim o Brasil poderá responder adequadamente aos "receios" internacionais quanto à expansão das culturas para áreas protegidas, ou em substituição às lavouras de alimentos. O Brasil tem áreas agricultáveis disponíveis para expansão das lavouras de biocombustíveis sem necessidade de uso de áreas impróprias ou protegidas. Considerando-se que 10% da área total de pastagens estão degradadas e desativadas, estariam disponíveis cerca de 22 milhões de hectares para a cana-de-açúcar, os quais, considerando a média de 6.000 litros de etanol/ha, poderiam, potencialmente, produzir cerca de 132 bilhões de litros de etanol.

A criação de um selo reconhecido internacionalmente para certificação sócio-ambiental do biocombustível, produzido de acordo com as regras sócio-ambientais, poderá ser uma garantia para a exportação dos produtos. Graças à disponibilidade de terra e ao clima favorável, o Brasil poderá ser o maior produtor mundial de etanol, desde que assuma responsabilidade social e ambiental. No entanto, o Brasil nunca abastecerá o mundo com etanol, como a Oriente Médio faz com o petróleo, mesmo porque a real demanda por esse biocombustível é hoje ainda incipiente, e a futura, uma incógnita.



ACERVO UNICA

Vista de canavial em Sertãozinho, SP: novembro 2001

Aliás, o rápido aumento da produção de etanol no Brasil pode ocasionar falta de mercado para o produto já na safra 2007/2008. Apesar de o mercado interno de veículos bicombustíveis ter crescido muito, os dados indicam que esse crescimento não está ocorrendo na mesma velocidade do aumento da produção nacional de etanol. As exportações também não estão crescendo em proporção que absorva o incremento de produção. Essa rapidez no aumento da produção pode provocar num futuro próximo excesso de oferta de etanol, acarretando diminuição do seu preço.

No mercado interno, a demanda poderia ser maior se a alíquota do ICMS fosse equiparada para todos os Estados brasileiros, se os produtores pudessem vender o etanol diretamente aos postos de abastecimento e se houvesse um estoque regulador que mantivesse os

preços estáveis, ao longo das safras e entressafras.

No mercado externo, faltam acordos e parcerias governamentais com outros países que garantam mercados e consequente ampliação da demanda. Para isso, é também necessário investimento em infra-estrutura e logística, que possam garantir estoques reguladores e escoamento da produção. Os compradores internacionais precisam de quantidade, mas querem também garantias de qualidade e de regularidade da oferta que permitam o abastecimento contínuo por longo prazo.

Será que o Brasil terá condições de cumprir tais condições? Se essas medidas internas e externas não forem adotadas, a demanda potencial por etanol será suficiente para atender à expectativa de aumento da oferta do produto? Haverá demanda para os 20 bilhões de litros de

etanol previstos para a safra 2007/2008? E para os bilhões de litros de etanol que serão acrescidos à produção nacional pelas dezenas de novas indústrias que estão em implantação no Brasil? Como dito no início deste artigo, mercado potencial existe principalmente no exterior, porém ele precisa ser conquistado com competência, seriedade, planejamento e administração. <sup>17</sup>

\* **André Ricardo Alcarde** é professor do Departamento de Agroindústria, Alimentos e Nutrição da USP ESALQ (aralcard@esalq.usp.br).

#### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

VASCONCELOS, J. N. Desafios da indústria alcooleira do Brasil. *Revista STAB Açúcar, Alcool e Subprodutos*, Piracicaba, v. 25, n. 6, p. 18-19, 2007.